



Lena Oxa

Repórter e apresentadora

# Com os tijolos da determinação cimentados pela resiliência, uma *Donna con Te* se reconstrói

Crescemos envoltos, lacrados sob a placenta, nadadores no útero. Saímos de lá, não nos livramos do invólucro – somos afogados em uma identidade, em um nome, em um sobrenome. Em um gênero. Cabe a nós, em vida, então, rasgar os rótulos da existência, construir ou reconstruir a nós mesmos, ser mestres da nossa vida-obra. Assim fez, assim faz Lena Oxa. Desconstrói-se para depois se erguer: com tijolos de determinação cimentados por resiliência.

Muitos foram os amores e desamores. Grandes as mudanças, os erros e acertos. Inúmeras as idas e vindas, da descoberta da sexualidade até a construção da identidade de travesti. Maior ainda, entretanto, sempre foi a coragem de Lena para deixar tudo, do bom ao ruim, atrás de si. Deixar o próprio lar pelo cabaré. Deixar de ser menino para ser mulher. Deixar a Bahia pelo Ceará. Voltar. Recomeçar. Isso porque de forte não tem só o olhar, imponente nem só o corpo é, e o que é marcante não é só a voz. A personalidade, de longe, os supera.

As dores que sentiu não quer para o outro. A liberdade que sente, sim. No fundo das experiências, sob as feridas, Lena encontra altruísmo. Militância. Guarda na veia e na voz o orgulho de ser quem é, a luta para que o outro seja e a vontade de mostrar ao mundo a realidade que ele despreza. Para ter força, resguarda-se na fé – agarra-se ao terço-amuleto herdado do pai, Agripino Fialho.

Lena não é só corpo, é alma em tudo o que faz. Veio ao mundo sendo *ele*, mostra-se ao mundo sendo *ela*, faz questão. Chegou aqui envolta no rótulo de Afrânio de Medeiros Fialho. Não se encontrou. Na busca de

si e do outro, tornou-se Tina Azevedo. Renovou-se. Foi Suzana de Medeiros, assim, com um pé no futuro e o outro no passado – tropeçou no azar. Esbarrou com Marta Helena. Simplificou o que podia na vida sempre tão complicada, tornou-se Lena. Da música veio o Oxa e nasceu uma mulher que, dia após dia, redescobre e se confronta com a feminilidade. Uma *Donna con Te*.

É, na verdade, todas e uma só. É única e sempre foi, apegada à vida e à meta de vivê-la com vigor. Independentemente da gravidade dos tombos, levanta-se. Bate a poeira, enxuga o sangue, põe novas vestes – como guerreira que é. Muda de nome e de lar, pinta o mundo com nova cor. Pinta o sete. Com número idem de letras, Lena Oxa se entrega à própria sorte.

De todos por quem se apaixonou perdidamente, há uma declaração que nunca calou: o amor pelo palco. Relação de entrega total, recíproca. Lena ganha a vida e vê vida sobre ele. Empolga-se. Encontra nele emoção, combustível, luz. Compartilha com ele as ideias que precisa propagar, a política para o legado que quer deixar, a tão simples e complexa vontade de ser. A autoafirmação. Brilha no palco com a arte que vive com ela, junto ao caminhar, como a própria sombra. Nasceu para o holofote e sente isso. Sente-se divina por predestinação.

Transformou-se, sabe-se irreversível. Dentro de si, no âmago, na lágrima sólida que não cai, carrega entre saudades o Afrânio menino. Deseja profundamente tornar a vê-lo – e não só senti-lo –, ainda que enterado junto a ela, ao fim. Assim como era no princípio, agora e sempre.

**Equipe de Produção:**  
Aline Medeiros  
Nícolas Paulino

**Entrevistadores:**  
Aline Medeiros  
Carolina Melo  
Ana Rute Ramires  
Caio Vitor  
Claryce Oliveira  
Diego Barbosa  
Julia Ionele  
Kamylla Karen Veras  
Nícolas Paulino  
Theyse Viana

**Texto de abertura:**  
Theyse Viana

**Fotografia:**  
Uli Batista



Entrevista com Lena Oxa, dia 09 de junho de 2016.

**Nicolas** – Primeiramente, quem foi Afrânio de Medeiros Fialho?

**Lena** – Afrânio de Medeiros foi um *menozinho*, ele nasceu... Pintosa, uma gayzinha que foi se assumindo devagarzinho, mas não podia porque dependia da família. Eu nasci na época da ditadura (*militar, 1964-1985*). Meu pai (*Agripino Fialho*) era mecânico do Exército, e eu não podia nem *dar pinta*. Eu achava lindas as chacetes do Chacrinha (*apresentador de televisão, 1917-1988*), achava linda a nudez do Carnaval, achava lindo aquilo ali tudo (*e pensava*): “Um dia eu quero ser assim”. Mas na minha cabeça, *né?* Fui crescendo alimentando aquela história, apaixonada por Nina Hagen (*cantora alemã*), por Tina Turner (*cantora americana*). A Nina Hagen, na época (*década de 1980*), era uma cantora muito doida, uma *roqueira*. Ela esteve até aqui, em Fortaleza; minha mãe comprou um ingresso para eu ver a Nina Hagen aqui em Fortaleza (*dia 21 setembro de 1985, no Ginásio Paulo Sarasate*). Ela descia num disco voador... Para a época, (*Nina era*) uma mulher muito louca, louca mesmo! Eu era apaixonada por tudo isso, e o Afrânio foi vivendo, estudando, tendo as fantasias dele, mas chegou um dia em que ele teve de decidir.

Foi na época da transição, em que eu terminei a oitava série lá no Antônio Bezerra (*bairro onde Lena morava*) e tinha de mudar de escola, de colégio. Eu saí do Antônio Bezerra e fui para o Liceu (*do Ceará, colégio estadual fundado em 1845*). Foi daí que o Afrânio se anulou. Ele começou a ter novas amizades, a ver o mundo com outros olhos, o mundo *business*, o mundo dos *shows*; começou a conhecer boate, a conhecer artistas. E, no Liceu, estudava um rapaz chamado Dami (*Damião, transformista e figurinista*), que fazia o *cover* da Elba Ramalho (*cantora paraibana*). Foi ele quem me levou, praticamente, para conhecer as boates. Para mim, tudo era novo.

Quando eu saí do Antônio Bezerra, eu comecei a ver gente nova, diferente. (*O Liceu*) não era só um colégio que tinha aquela mesma classe de alunos todo dia. Foi aí que eu fui abrindo a minha mente e conheci esse rapaz (*o Dami*). Tinha um outro *gay*, que era o Douglas (*Motta, bailarino e coreógrafo*). A bicha era toda desenvolvida, toda cheia de

coisas, porque bicha fraca não fica por trás. Ele estudava no Liceu e eu conheci o Dami, que trabalhava em boates, à noite. O Dami me chamou, me mostrou as fotos dele e eu achei interessante aquilo, me identifiquei. Eu ia fazer 15 anos, ainda. Deixei de ser o Afrânio, o menozinho pacato, a *gayzinha* que não sabia o que queria, e fui ver as fantasias, as roupas de *show*, na casa do Dami. Aquilo me abriu a mente! Então, eu queria mostrar, com o Douglas, a junção dessa história, de ele ser o coreógrafo e eu ser o artista. Mas o Douglas nunca dava trégua, porque ele já era a rainha do pedaço, e eu estava chegando. Eu (*pensei*): “Não, vou ter de dar um jeito. Vou me fantasiar”.

Eu já tinha uns fãs, uns seguidores que me apoiavam, carregavam minha bolsa, escondiam minhas coisas para o diretor (*Sebastião Praciano de Sousa, 1913-1992, professor e vereador de Fortaleza por dois mandatos, dirigiu o colégio entre 1980 e 1989*) não ver. Se (*o diretor*) viesse, a gente fazia de conta que estava brincando. Mas ele sempre pegava, era praxe. Eu fui expulsa três vezes do Liceu por causa disso, e foi na época que minha mãe (*Afra Maria de Medeiros Fialho*) quase descobria. Eu chorei muito, fiquei doente para ela não ir para a reunião. (*Ela*) não foi. (*Depois disso*), eu larguei tudo e fui viver uma vida diferente, mas sempre com *shows*. Eu só escondia da minha mãe o que eu queria ser. Minhas roupas eram guardadas em casas de amigos, em caixas, sempre escondidas para não... Porque era muito difícil, naquela época, a gente se assumir e viver uma vida de artista como eu queria.

**Julia** – Nessa época, você ainda era criança, adolescente, ainda vivia com seus pais. Quando você fecha os olhos, o que é que dá mais saudade da sua infância?

**Lena** – De não ter aproveitado tanto.

**Julia** – Por quê?

**Lena** – Eu caí no mundo da loucura muito cedo, sem entender o que era o mundo, e porque eu queria me descobrir. Eu nunca pensei em me vender, em me prostituir. Eu pensei em ser o que eu sou de uma maneira limpa e clara. Eu dizia sempre para o meu pai: “Meu pai, o senhor nunca vai me ver fazendo coisa errada. (*Um dia*), você vai me ver sentado numa mesa, trabalhando, e o que eu vou pegar de peso vai ser só uma

Lena já havia sido entrevistada por Carol, Clarlyce, Nicolas e Theyse no semestre anterior, daquela vez para um especial multimídia sobre gênero, chamado *Demaquilante*, produto da disciplina Jornalismo na Internet.

Na ocasião, os quatro ficaram espantados ao ouvir a história de vida da apresentadora. Por isso, a sugestão do nome dela na reunião de definição das entrevistadas já era dada como certa.

Lena recebeu o maior número de votos dentre as cinco entrevistadas: sete, de dez. Quando da decisão, Julia disse que a entrevista seria "choque de monstro", bordão do quadro *Glitter: Em busca de um Sonho*.

caneta!" A minha mãe sabe, eu tenho isso como meta. Eu sempre quis ser uma pessoa diferente, uma pessoa que esteja por cima, uma formadora de opinião.

**Nícolás** – Ser tratada como menino a incomodava?

**Lena** – Não... Naquela época?

**Nícolás** – Sim.

**Lena** – Não, porque eu era menino, na verdade. Eu não tinha peito, não tinha nada. Era um *gayzinho* doido, pacato, normal, como qualquer outro que vai para uma boate. Mas, na minha cabeça, eu tinha um sonho. Você pode estar pensando aqui, mas não sabe o *iceberg* que tem de ideias dentro da sua cabeça. Então, já estava tudo bolado dentro da minha cabeça: eu queria ser uma estrela. Quando eu via o Douglas fazendo aquela história no colégio, o *show*, o palco, aquele monte de gente, eu (*pensava*): "É aqui mesmo e vai ser isso". Na época de ser chamado de *meninozinho*, de *gay*, eu não tinha problema, não. Hoje, eu me arrependo de não ter ficado *gay*. Depois, eu explico para vocês.

**Aline** – Lena, como foi a autodescoberta, esse processo de sair do armário pra tua família?

**Lena** – Pois é, foi nessa transição do Liceu. Eu fui vendo, nesse caminho do Liceu até a Duque de Caxias (*avenida próxima ao Liceu*), no edifício Jalcy (*Avenida, localizado na Duque de Caxias e inaugurado em 1954*), que foi onde eu conheci o Dami... Lá (*a Duque de Caxias*) era o centro de tudo, porque ali tinha o bar do Netinho, o Beco da Jô, tinha a Casa Branca e a Sótão. Tudo aquilo era boate. No Jalcy, quando você subia no elevador, subia travesti. E eu: "Valha, meu Deus, o que é isso?" Eu nunca tinha visto na minha vida; (*ela era*) muito grandona, muito diferente, (*tinha*) um peito muito grande... E o Dami foi me explicando. Já que eu gostava das charettes, gostava da nudez do Carnaval, de *topless* e daquela história toda, eu fui estudando. Desse estudo, eu (*perguntei*): "Dami, o que é que *tu acha*?" "Você é quem sabe. Mas assim, é uma vida diferente, é uma ida sem volta". Isso era uma coisa que sempre ia na minha cabeça, dessa ida que não volta mais.

Quando você coloca (*silicone nos seios*), você perde muita coisa. Quando você coloca o peito e se transforma, você dá um tchau para o mundo. O mundo não aceita de jeito nenhum, a sociedade não aceita. Então, (*mesmo*) com todas essas dificuldades, eu (*disse*): "Vou fazer". Quando a gente quer fazer, não tem por onde, a cabeça é que manda. Por mais problemas que eu fosse ter, eu botei na cabeça que ia tomar e comecei a tomar hormônios (*femininos*). Era Diane (35, *pílula anticoncepcional*), o nome. E foi muito

fraco, não estava fazendo efeito de nada.

Com dois meses, o hormônio começou a dilatar o peito e eu fui vendo a diferença. Quando existe essa diferença, essa transformação, começa a procura masculina, de quem está vendo. Eu me identificava como *gay*, o meu sexo (*por quem sentia atração*) era homem, que eu gostava, então (*o peito*) ajudou o homem a me olhar melhor. Por mais problemas que eu ia tendo, eu nunca via isso (*os problemas*). Eu só pensava em ficar bonita, em o peito crescer mais. Minha transformação foi esta: devagarzinha, sempre com medo de a minha mãe ver. Eu botava uma faixa no meu peito, para o meu pai não ver. (*Mas*), quando cresceu mesmo e começou a apontar, que pesou, não tinha mais como eu esconder. Minha mãe brigou comigo, meu pai brigou comigo, foi uma época muito difícil.

Eu já estava entrando na boate (*Casa Branca*) para fazer *shows* e comecei a gostar de um homem que era segurança. Teve esse problema todo e eu (*pensava*): "Meu Deus, como é que eu vou ficar em casa? Como é que eu vou estudar?" Depois que meus pais souberam, foi uma miséria. Minha mãe ficou louca! Você acha que vai perder tudo, que aquilo ali vai acabar com a sua vida. É uma decisão. Fui (*vivendo*) com minha mãe brigando comigo, com meu pai me batendo e me desmoralizando... Porque o homem (*o pai*) era o cara do Exército, era mecânico de todos os carros do Exército, e ter um filho *gay*, para ele, era o fim.

Esse cara (*o segurança*) estava gostando de mim. Foi uma coisa tão louca na minha vida! Foi uma época de descoberta muito grande, porque eu tomei uma decisão: "Agora, eu vou sair de casa e passar uns dias lá onde ele morava". Ele era de Crateús (*município cearense a 354 quilômetros de Fortaleza*) e o nome dele era Paulo. Eu era totalmente imaturo, de menor, e fui para a casa desse homem pelo tanto que eu gostava dele – gostava porque foi amor à primeira vista. Quando eu cheguei lá (*na casa do Paulo*), deparei com um cabaré chamado "Sonho Azul". Nunca tinha entrado num cabaré na minha vida. Eu, que acreditei plenamente que Papai Noel existia até os 14, 15 anos de idade, que fui criada com o amor da minha mãe, estudando, nunca soube o que era um cabaré. Ele (*Paulo*) entrava (*para trabalhar*) cedo, no horário em que as prostitutas estavam dormindo, e eu ficava no quarto dele assistindo televisão. Depois que eu fui descobrir o que era esse cabaré, lá na Messejana (*bairro de Fortaleza*). Ainda existe, mas o dono já morreu.

**Nícolás** – Você foi para lá fugida de casa?

O convite para participar da revista foi feito durante uma palestra da ex-prefeita de Fortaleza Luizianne Lins, no Centro de Humanidades II da UFC. Lena estava conversando na plateia quando foi chamada por Nícolás e Aline.

“Eu deixei de ser o Afrânio, o meninozinho pacato, a *gayzinha* que não sabia o que queria, e fui ver as fantasias, as roupas de *show* (...) Aquilo me abriu a mente”



**Lena** – Não fui fugida, mas fui para dar um tempo, para as coisas melhorarem e eu ver o que é que eu ia fazer da minha vida. Ninguém me botou para fora de casa. Eu fui porque eu tinha de fazer, minha realidade era essa e eu tinha de ir atrás. Era a transformação do Afrânio para qualquer nome, qualquer personalidade que viria.

**Ana Rute** – A sua família sabia?

**Lena** – Do cabaré? Nunca soube porque, toda vida, eu me resguardei. Meus amigos sabiam, mas minha mãe não. Até para não denegrir a imagem do meu pai, eu nunca quis fazer isso. Eu passei um tempo lá e depois voltei para casa, com meu corpo transformado, mas eu não me sentia bem. Foi na época em que eu briguei com o papai. Passei ainda três meses nesse cabaré, depois briguei com o rapaz (*Paulo*).

**Diego** – Lena, você falou dessa novidade para as travestis que é o peito. Como é que foi para você passar por essas transformações? Como é que você se sentiu?

**Lena** – A transformação de colocar o peito é muito boa, mas tem consequências porque você sabe que vai ter câncer, vai ter um monte de coisas. Mas o impulso é tão forte... Não adianta, hoje em dia, eu dizer: “Não bote

peito, não bote silicone, não...” Porque elas (*travestis*) botam! O impulso da vaidade é muito mais forte que qualquer coisa, a vaidade manda em qualquer coisa: ela supera a fome, ela supera a dor. Botar silicone é uma dor infernal, é uma coisa... Mas você bota, porque vai ficar bonita! Eu enfrentei tudo isso. Botei cinco litros de silicone no corpo e foi uma dor que eu acho que é a dor do parto da mulher, de ver o óleo entrando, que rasga...! Mas você (*pensa*): “Eu vou ficar bonita!” O que vai ser depois é a consequência da tua vaidade.

Hoje, eu sinto dor demais nas minhas pernas, tem dia que eu não consigo nem levantar e o Geilson (*Cajú, assessor de Lena*) briga comigo, mas ele não entende. Eu coloquei silicone com 23, 24 anos; (*atualmente*) eu estou com 50, e hoje ele está dando problema, lógico! É uma coisa que você procurou, mas hoje está sentindo a consequência. Bem que eu poderia não ter colocado.

**Theyse** – A gente percebe muito a questão do impacto que a transformação (*para travesti*) teve para você, tanto no psicológico quanto no seu corpo, obviamente. Mas, na época em que queria se transformar, você se sentia mulher em essência ou era a forma

Ela ficou bastante feliz com o convite e logo aceitou, deixando o número do celular dela com a equipe de produção. Ela salientou que a entrevista deveria ser marcada com antecedência, dada a correria na agenda pessoal.

A entrevista para o *Demaquilante* havia durado mais de uma hora, por isso a produção do material de apoio se tornou mais fácil. Contudo, foi preciso marcar uma nova pré-entrevista para colher detalhes importantes que faltavam.

Como estava bem atarefada, Lena sugeriu o encontro no horário das 18 horas de uma quinta-feira, dia 12 de maio, coincidentemente o mesmo dia da pré-entrevista de Claryce e Theyse com Karine Garcéz.

como você queria se mostrar ao mundo?

**Lena** – Era a forma que eu queria de me mostrar ao mundo. Eu nunca pensei em ser transexual. Já tive a oportunidade de fazer a cirurgia (*de transgenitalização*), mas eu não penso assim, eu não ajo como transexual. A transexualidade está na cabeça da pessoa, e eu queria ser artista. Eu não tenho cabeça para ser transexual. Tive dinheiro na época em que eu morava na Itália para fazer a cirurgia; eram mil dólares. Ter mil dólares na Itália é a mesma coisa que você ter mil reais aqui em Fortaleza: dá para conseguir. (*Alguém perguntou*): “Vamos fazer a cirurgia no Marrocos?” “Não, não quero, não penso em fazer”. Meu raciocínio não é de fazer, eu não tenho por que fazer.

**Theyse** – A sua vida como transformista, nessa transição entre o Afrânio e a Lena de hoje, começou na boate Casa Branca. Como era o cenário naquela época? Como eram as dificuldades além da sua família? Como é que o mundo via as travestis e os transformistas naquele período?

**Lena** – Na época do Dami, quando eu comecei a mudar a minha vida e a fazer essa transição do corpo todo, eu disse: “Agora, quero fazer *show* na boate em que você trabalha, Dami”. Daí, o Dami me apresentou... Eu fui à boate Sótão (*na Avenida Duque de*

*Caxias*) e ele disse: “Agora, vamos ter o batizado. Como é que vai ser o nome?” E eu achava muito bonita a Susana Vieira (*atriz*); era na época da Tina Pepper (*Albertina, personagem da atriz Regina Casé*)... Ela estava numa novela (*Cambalacho, exibida pela Rede Globo entre março e outubro de 1986*). Então, eu botei meu primeiro nome de “Susana de Medeiros” e (*pensava*): “Será que esse nome vai dar certo?” Mas não estava emplacando, não estava dando axé. Passei duas semanas e dizia: “Esse nome não está legal, não tem impacto nenhum. Vamos mudar”. Como a Susana Vieira trabalhava para a Tina Pepper, que era a Regina Casé, eu disse: “Tina! Eu adoro a Tina Turner, então vamos botar ‘Tina’” “Mas Tina de quê?” “Tina... Tina... Tina... Vamos botar ‘Tina Azevedo’” E “Tina Azevedo” pegou, mas não foi aquela coisa toda. Eu tenho até *flyers* (*panfletos*) do jornal *O Povo*, na época de 1984, 1985, que tem a minha foto (*o anúncio é de 14 de junho de 1986 e diz “Show transformista, a partir da meia-noite, com (...) Tina Azevedo”*).

**Aline** – Lena, hoje em dia eu tenho alguns amigos que são *drags* e (*eles*) sempre vão nas lojas de cosméticos para comprar as próprias bases, as próprias maquiagens. Vocês, naquela época, costumavam entrar nas lojas para fazer isso?

**Lena** – Ah, não!

**Aline** – Então, como era a questão de se montar (*como transformista*)?

**Lena** – Nessa época (*década de 1980*), eu ganhei um estojozinho da Susi (*boneca da fábrica Estrela*). Não tinha Barbie, não, era a Susi. Era quatro *kitzinhos* rosa, não tinha muita coisa *pra* gente se maquiar. Quem tinha condições de ter maquiagem eram as pessoas que já tinham trabalho, e eu não tinha nada. Eu era uma pessoa louca que queria porque queria ser artista numa boate e me montava do jeito que eu era. Eu lembro que, uma vez, uma pessoa chegou e me disse: “Olha, tu tem de colocar o preto é aqui em



O local sugerido por Lena foi a boate Level, na Praia de Iracema, onde ela faria o último ensaio de uma etapa do concurso de *drag queens* Level Queen, que aconteceria lá no sábado seguinte (14).

“Eu só escondia da minha mãe o que eu queria ser. Minhas roupas eram guardadas em casas de amigos, em caixas, sempre escondidas”

cima da sobancelha". Eu botei e ficou horrível, era só alguém fazendo hora (*brincando*) com a minha cara. Tudo isso (*a montagem*) era muito arcaico. Meu sapato, eu ganhei de um amigo meu, o Reinaldo (*Fernandes, figurinista*), que foi muito importante na época da minha descoberta – ele era coreógrafo da Goretti Quintela (*escola de dança de Fortaleza*) – porque ele me dava aula de passarela, fazia com que eu entonassem o *show*... Foi uma pessoa muito legal, ele me descobriu também. Eu tinha uma peruca para todos os eventos. A minha roupa, para vocês terem uma ideia: quando eu era a Tina Turner, eu passava no Mercado São Sebastião (*localizado no bairro Centro*), fazia a roupa de surrão, cortava, costurava, colocava uma areia prateada... Minha avó (*Maria Lopes de Medeiros*) me ajudava a fazer escondido – minha avó sempre do meu lado –; a gente passava um brilho e dava certo. Eu entrei no mundo *business* na *por-ra-da*, na raça mesmo!

**Nícolas** – Na pré-entrevista, você falou que o que aprendia na boate levava para dentro do Liceu. Mas, lá dentro do Liceu, era uma escola conservadora ou vocês tinham espaços para se mostrarem?

**Lena** – O Liceu nunca queria *gay* lá dentro. O Liceu era conservador. Na minha época (1983), o diretor era o Praciano e ele era muito conservador, então tudo que a gente fazia era escondido, na hora do recreio. Os alunos do Liceu, todos, me ajudaram. Eles foram cúmplices do meu sucesso naquela época. Era uma época muito mágica para mim. O Liceu foi uma descoberta e quem estudou comigo ainda se lembra disso.

**Aline** – Quando você começou a performar como Tina Azevedo na Casa Branca, você tinha ideia de quem seria a Lena Oxa hoje?

**Lena** – Quando você toma hormônio e sua cabeça vira, você não tem noção nem se vai viver o ano que vem. Então, eu não imaginava que tudo aquilo que eu fiz vocês fossem escrever em uma revista, fosse pauta de TCC (*Trabalho de Conclusão de Curso*). Se eu soubesse que ia ser assim, eu teria feito coisas maravilhosas, coisas melhores. Tudo que eu fiz naquela época foi da minha cabeça, para eu ser feliz, para eu ser a pessoa que sou. Passei por muitas dificuldades... Eu acho que eu nunca vou conseguir contar as coisas todas da minha vida, mas eu passei muita dificuldade: passei fome, comi sopa na rua, vivi coisas para não me prostituir na Europa, que é um lugar que eu não quero nunca mais botar os pés. Eu não gosto da Europa. Não gosto, não gosto! É tanta coisa que, se (*minha história*) fosse um livro, não tinha página para terminar. Teve muita coisa que eu passei para poder estar sentada aqui,

na maior tranquilidade do mundo.

**Caio** – Toda essa sua descoberta aconteceu na época da ditadura militar. Ter sido vítima de um dos casos mais emblemáticos de repressão a travestis aqui em Fortaleza influenciou de alguma forma na sua vontade de se posicionar na luta pelos direitos dos LGBTs (*Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis*)? Eu me refiro ao caso da Secretaria de Segurança Pública, que ordenou o recolhimento de todos os homens vestidos de mulher na década de 1980. (*Na madrugada do dia 11 de setembro de 1988, 48 gays e travestis que participavam de festas nas boates Feitiço e Casa Branca foram expulsos dos locais por policiais militares e colocados na rua. Do lado de fora, foram obrigados a dar as mãos e caminhar em fila indiana, sob agressões físicas, até a Secretaria de Segurança Pública*).

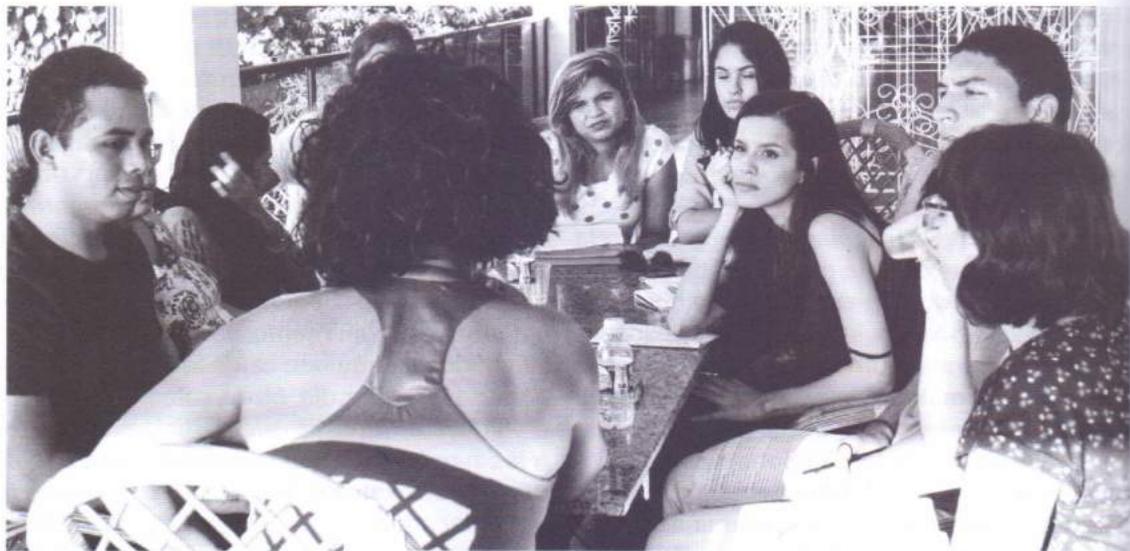
**Lena** – Não, naquela época, eu era praticamente uma louca que vivia no meio da rua. Não era nem travesti ainda, eu estava me transformando. O que a gente tinha era vontade de fazer *show*, de estar na boate, de ser visto, de botar a peruca na cabeça para fazer aquela história toda, mas era muita dificuldade *pra* gente, que era artista, que vivia na noite. Éramos poucos, muito poucos. Existia muita vadiagem no Centro, então nós éramos pegos como vadiagem, como tudo aquilo que estava no meio da rua. Eu fui presa três vezes. Na primeira vez, eles me colocaram num carrão grandão, que no porta-malas cabiam oito pessoas. Oito pessoas dentro do porta-malas de um carro? Eles rodavam a cidade todinha quando o distrito (*delegacia da Polícia Civil no Centro*) já estava cheio e ficavam catando gente da rua para rebolar (*jogar*) ali dentro (*do carro*). "Vai que cabe! Vai que cabe!" (*os policiais dizem*); e empurrando, a gente ficava que nem umas sardinhas. Rodavam, passavam por dentro de buraco, era uma miséria! Quando (*o carro*) chegava na Barra do Ceará (*bairro litorâneo*), tinha um píer igual àquele ali (*Lena aponta para um píer próximo ao local da entrevista*), e eles davam um freio, um sopapo no carro, que caía todo mundo em pedra, e você tinha de se esconder naquela hora porque eles botavam para matar mesmo!

Depois, pegaram todas nós no centro da cidade, de mãos atadas, em fila indiana, e fomos assim até a Secretaria de Segurança (*à época, na Praça dos Voluntários, onde hoje é a sede da Polícia Civil*). Quem era travesti, apanhava duas vezes. Por exemplo: se fosse cinco tapas na cara, travesti levava dez, só porque era bonita! Era homem e mulher, era "macho e fêmea", então tinha de apanhar duas vezes. Teve outra vez que estouraram

Aline e Nicolas se encontraram no cinema do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e, cinco minutos antes das 18 horas, começaram a se dirigir à Level. No caminho, ficaram escutando as músicas dos bares e das boates vizinhas.

No entanto, ao chegar à boate, constataram que ela estava fechada. Os dois produtores se sentaram na calçada e ficaram acertando os últimos detalhes das perguntas. Quarenta minutos passaram e nada de Lena.

Um carro estacionou de frente ao estabelecimento e um homem desceu para abrir a boate. Ele disse que Lena costumava chegar às 19 horas e, notando a espera da dupla, mandou que entrassem e esperassem lá dentro.



---

“Eu dizia sempre para o meu pai: “O senhor nunca vai me ver fazendo coisa errada. (*Um dia*), você vai me ver sentado numa mesa, trabalhando (...)”

---

meus ouvidos, mas eu nunca deixei de ser quem eu sou.

**Diego** – E o quanto ainda dói, tanto física quanto simbolicamente, esse estouro no ouvido?

**Lena** – Dói a lembrança. Quantas pessoas não foram presas aqui (*em Fortaleza*), por trás da Igreja da Sé (*Catedral Metropolitana de Fortaleza*)? Quando você lembra daquilo tudo, você fica aterrorizada, com medo de viver por ser travesti. O que é que eu vou passar de novo? A lei da Inquisição vai voltar, pra gente apanhar de novo? Tudo isso faz medo. Eu fico apavorada. Fico num estado de nervos terrível! Eu fico desconsolada, eu choro, porque é duro. Falo assim porque eu vivi tudo isso e eu tenho medo do que possa acontecer, da volta da dor, da pancada, do tapa na cara sem você fazer nada, só porque você optou por viver a sua vida do jeito que você quer.

**Caio** – Isso te deu mais vontade de se envolver na luta pelos direitos?

**Lena** – Não, na época, você não tinha direitos. Tinha direito só de viver, de ser uma pessoa normal, como homem ou mulher. Ser gay naquela época era motivo de morte. Quem mandava eram os coronéis. Na época (*do caso da fila indiana*), o Moroni Torgan (*ex-delegado federal, ex-vice-governador e hoje deputado federal*) era o secretário de Segurança (*entre 1988 e 1990*), e mandava

fazer isso mesmo. Não tinha direito, não tinha lei, não tinha nada que representasse a gente. O que a gente tinha de fazer era lutar pelo que queria. Eu não queria ser artista? Então, eu tinha de viver minha vida, correr atrás. Se pegassem você na rua, na sexta-feira, você ficava sexta, sábado e domingo (*na delegacia*). Só ia solta na segunda-feira.

Na verdade, naquela época, você era preso por nada. Você estava sentado aqui no Duques & Barões (*bar no cruzamento das avenidas Duque de Caxias e Barão do Rio Branco; fechou em 1989*) e, lá do outro lado da rua, tinha um camburão já lhe esperando. Se você pegasse um carro ou um táxi, você ia para casa, mas, se você pegasse um ônibus, eles iam atrás de você, lhe tiravam do ônibus e lhe prendiam. Não era para você andar no meio da rua.

**Claryce** – Voltando ao ambiente da boate Casa Branca... Como é que era o público? Como é que você se sentia se apresentando lá?

**Lena** – O público era maravilhoso, mas, para a época de hoje, era bem arcaico. Não tinha muita coisa. A iluminação era feita pelo DJ Elias (*Arrais*), era um canhão manual que ele manuseava. Queimava, às vezes, coitado! Era disco, e, quando o disco pulava (*dava problema*)... Não tinha muita coisa, (*mas*) era a única boate que tinha.

Fortaleza sempre foi palco de duas boates: a boate das ricas e das pobres, das “mais

Como as paredes, o teto e o piso da Level são revestidos de tinta preta, o ambiente interno dela se torna abafado e bastante quente. Calorenta, Aline logo começou a suar.

# “Eu sempre quis ser uma pessoa diferente, uma pessoa que esteja por cima, uma formadora de opinião, que as pessoas digam: Ah, (essa) é a Lena Oxa”

Lena chegou às 19h06min e, antes de nos atender, conversou com o homem que havia aberto a boate. Mais tarde, ela contou aos produtores que ele era o dono do estabelecimento.

ou menos” e das lascadas. A Casa Branca era no Centro, que era povão, e tinha a Navy (*boate em formato de navio localizada na Avenida Abolição, no bairro Meireles, fechou no início dos anos 1990*), que era mais elitizada. O sonho de quem fazia *show* na Casa Branca era fazer *show* na Navy. Só quem fazia *show* na Navy era o Serginho (*Rosário, cabeleireiro e transformista*), que era a Zulla Summer, um dos artistas mais antigos de Fortaleza. Eu consegui fazer *show* lá duas vezes, a convite da Yolanda Champs-Élysées (*transformista*), uma amiga minha de muito tempo. Foi um momento muito bom, de glória, (*afinal*) era a boate mais chique de Fortaleza. Eu gostei de fazer, mas eu queria mesmo era a Casa Branca. Eu gosto do povão, do *fuá* (*algazarra*), de você ser aclamada e aplaudida... O jeito do tratamento do povão é diferente. Foi o público que me aclamou, me segurou e fez meu nome.

**Ana Rute** – Como eram esses *shows*? Como era a preparação, o figurino, os bastidores?

**Lena** – A preparação era toda na cabeça da gente. Se você ouvisse uma música... Na época, eu escutava aquela música *Maria Magdalena*, da Sandra (*Cretu, cantora e atriz alemã*), e botava na cabeça que aquela música eu tinha de fazer com uma roupa muito rodada, com muito véu, com muito tule. Aquilo eu montava na minha cabeça e ninguém tirava, ia ser daquele jeito. Eu comprava meio metro de tule, cortava e colocava minha avó para costurar. Ela customizava minha roupa todinha, botava um pano franzido na cintura e dava certo! Hoje em dia, tá bem diferente: você compra um pedaço de acetato, faz uma roupa maravilhosa.

**Kamylla** – Naquela época, havia ciúmes das outras transformistas? Havia brigas?

**Lena** – Toda vida teve terrorismo (*risos*). Isso é coisa que nunca faltou: terrorismo e inveja. Elas rasgavam as roupas da gente, queimavam, diziam para trocar a maquiagem... São pessoas que têm inveja, que não querem que você cresça; querem que você sirva de palhaça para todo mundo, mas você tem de aprender a lidar com isso tudo. Até hoje, eu consigo tirar de letra isso aí.

**Kamylla** – Você se espelhava em al-

guém?

**Lena** – (*Pausa*) Eu tinha uma *ídola* que era a Tina Turner. Eu queria fazer *show* (*que nem ela*), ter as pernas dela... Eu botava quatro ou cinco meias (*calças*) para ficar com as pernas bem roliças, iguais às dela. Mas nunca me espelhei em ninguém. Eu sempre tive minha característica. Hoje, eu estou mais diversificada porque eu apareço na televisão, mas sempre quis ter cabelo grande, sempre tive a minha postura brejeira, sabe? Eu gosto de ser essa história simples, tipo a Gabriela (*personagem de Jorge Amado*), essa mulher do sertão, que foi como a Bahia me aceitou, me recebeu.

**Nícolas** – Como era essa jornada dupla entre a liberdade que você tinha na Casa Branca e a sua casa, onde você tinha de se despir de tudo aquilo na frente dos seus pais?

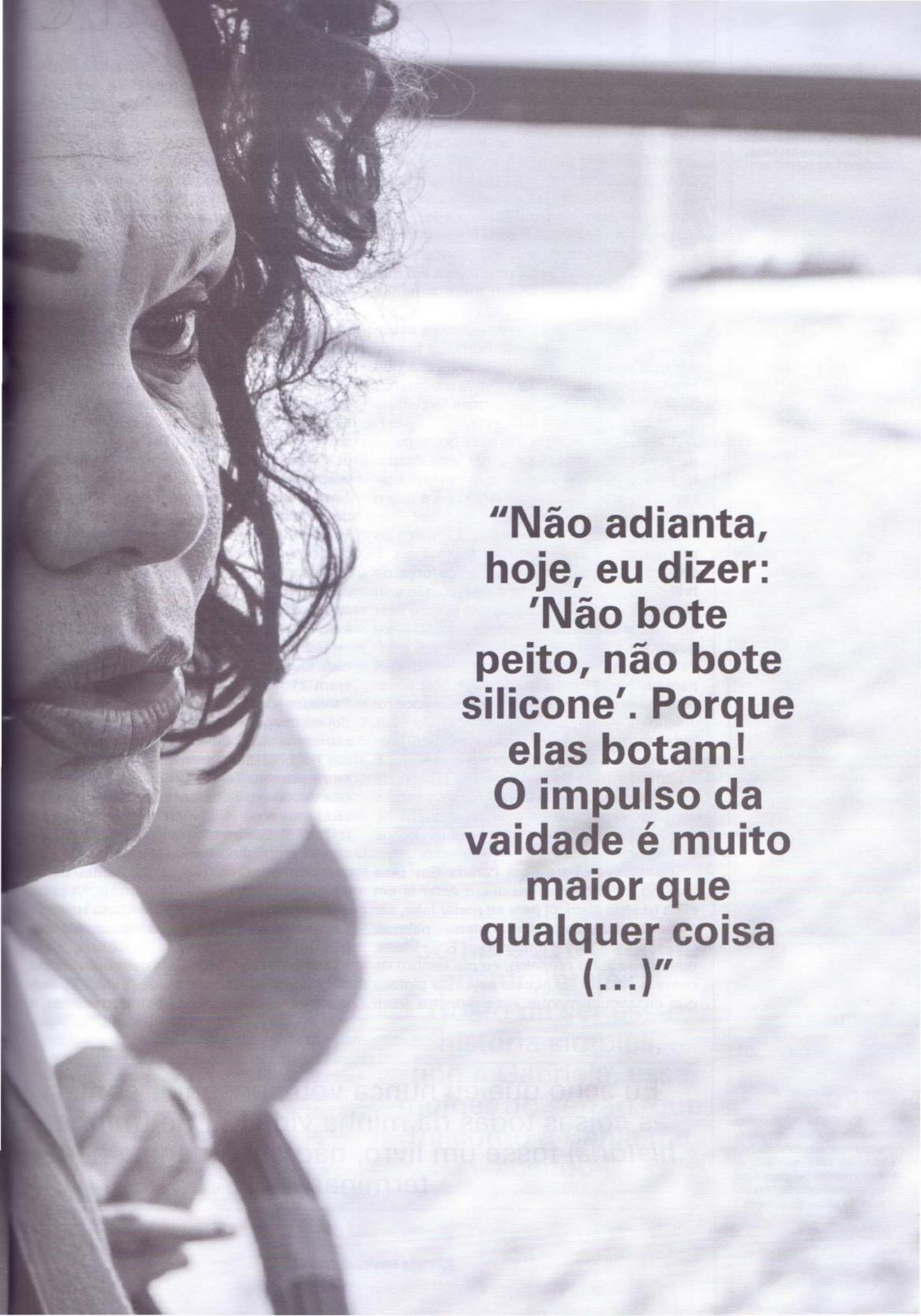
**Lena** – Ser ator transformista... Na verdade, eu ainda era um ator, porque eu me montava, e o bonito é isto: você se montar, depois se desmontar e voltar a ser o rapazinho que você é, e causar aquela impressão: “Valha, você fica assim?!” É tão legal! Quando você vira travesti, não tem tanta mudança. Quando eu botei silicone, já não tinha tanta transformação; só na hora do *show* mesmo, que a maquiagem é mais pesada. Ter sido o *gay* transformista foi mais interessante porque tinha essa mudança, essa transformação. Quando você vira travesti, você automaticamente compra uma máscara e cola no rosto, não tem mais como tirar.

**Nícolas** – E como é que estava o relacionamento dentro da sua casa, já que você disse que sua mãe e seu pai não reagiram bem, ao mesmo tempo em que você tinha sua avó, que dava apoio?

**Lena** – Meu pai não ia dizer: “Ah, meu filho, que prazer! Que ótimo você ser *gay*!” Não, ele era conservador, (*mas*) toda vida eu respeitei meu pai. Eu não tinha como brigar porque eu não tinha casa, eu morava na casa deles... Ele era religioso, toda a nossa família era muito religiosa. Por mais que eu fizesse *show* de madrugada, (*no outro dia*) de manhã, bem cedo, eu estava cochilando na missa do Seminário (*São Vicente de Paula, no bairro Antônio Bezerra*). Eu tinha de ir *pra* missa com a minha mãe. Tinha sempre essa

A pré-entrevista começou ao pé do balcão e do armário de bebidas da boate. Lena ainda não conhecia a *Revista Entrevista* e ficou contente ao saber que havia sido escolhida.





**“Não adianta,  
hoje, eu dizer:  
‘Não bote  
peito, não bote  
silicone’. Porque  
elas botam!  
O impulso da  
vaidade é muito  
maior que  
qualquer coisa  
(...)”**

De instante em instante, a conversa era interrompida pela chegada dos rapazes que se travestiam de *drag queens* para o ensaio. Todos, sem exceção, iam cumprimentar Lena.

história do respeito, mas chega uma hora que você tem de optar. Uma coisa que eu nunca queria ter feito, e foi uma decisão minha, na época, foi me afastar da minha família.

**Claryce** – Você citou as questões de repressão e perseguições que você e todo o público LGBT sofreram na época da ditadura. Você considera que a sua vontade de se apresentar era mais forte que o medo?

**Lena** – A vontade de eu me apresentar, de eu ser artista? Era. Porque ali, quando eu estava me descobrindo, foi uma época em que eu já estava apostando em tudo. A minha vontade de ser artista fazendo *show* em boate era maior, muito além de qualquer coisa, porque eu já tinha enfrentado minha família para poder fazer aquilo. Não era você que estava me dando um tapa que ia me mudar; aquilo (*o tapa*) me dava era mais força para poder brigar e viver minha vida.

**Carol** – Que emoção era essa que o palco dava a ponto de você enfrentar uma ditadura, mas, principalmente, as pessoas que ficavam com preconceito na rua? O que é que o palco dava que compensava tudo isso?

**Lena** – (*Pausadamente*) O que o palco dá pra gente, até hoje, nem eu mesma sei. É uma emoção muito boa, emoção de força, de brilho, de respeito que você tem. Eu não saio da minha casa para ir para uma festa e ficar em *frontstage* ou no meio da galera. Não! Eu quero ser a atração! Eu gosto disso! É incrível como, às vezes, você gasta três mil reais para ganhar 200 reais numa noite. Mas aquele dinheiro não vai valer nada do que você foi aplaudida. A emoção do palco é muito mais forte do que qualquer coisa que você possa sentir. É muito mais forte do que a dor. É muito mais forte do que o choro. É coisa de artista mesmo. Foi ele (*o palco*) que me deu, até hoje, essa força para eu ser a guerreira, ser a diferente. Foi peça fundamental do que eu sou hoje.

Eu não vou para uma Parada Gay para ficar no meio da rua; eu quero estar lá em cima (*do trio elétrico*) para eu poder falar, ser a atração e ver as pessoas baterem palmas. Para o artista, isso é muito bom! E, às vezes, quando eu subo no palco, eu me lembro de como o Afrânio foi aquela *gayzinha* pintosa que conseguiu montar esse monstro (*com*

*ênfase*) todo... E eu penso: "Será que o Afrânio está aqui perto de mim?" Às vezes, eu me emociono, sabe? De ver uma foto minha quando criança e perceber o quanto você (*Afrânio*) me ajudou a ser esse monstro (*com ênfase, novamente*), para que as pessoas tenham esse respeito todo. Eu me sinto avó do Afrânio, quando eu o vejo nas fotos. E ele (*ainda*) existe, tanto é que eu quero voltar a ser essência de como eu vim, nessa essência dele. É inexplicável (*o palco*)!

**Nícolas** – Depois que você brigou com o Paulo, lá no cabaré, e voltou para casa, seu pai lhe deu aquela passagem para Salvador. Você encarou essa passagem como um presente ou como uma forma de ser expulsa de casa?

**Lena** – Não, quando meu pai me deu a passagem, eu não voltei para casa, eu já fui direto para lá (*Salvador*). Eu não levei isso como uma expulsão de casa, mas como uma porta que se abria. Eu tô olhando para aquele portão (*havia um portão de ferro na frente de Lena, no local da entrevista*) e me lembrando de tudo aquilo que eu passei no ônibus. Foi muito interessante! Eu entrei, minha mãe começou a chorar, eu chorei também e o ônibus saiu. Eu estava vendo aquilo tudo, a minha infância, as porradas que levei e tudo aquilo que eu estava almejando conseguir, indo embora.

Dentro do ônibus, estava a Tina Azevedo, mas teve uma hora, já era tarde da noite – eram 21 horas de viagem de Fortaleza para Salvador – que eu fiquei pensando: "(Quando) eu chegar em Salvador, como é que vai ser minha vida? Eu vou ter de mudar, de ter um novo caráter, de me transformar numa outra pessoa. Tenho de deixar tudo aquilo que deixei em Fortaleza para trás. Eu quero viver uma nova vida, viver uma nova pessoa" (*ênfatiza*). Dentro do ônibus, eu já estava com o propósito de mudar o nome, de mudar tudo, e foi isso que eu fiz. Sentei, dormi um pouquinho, acordei (*e pensei*): "A partir de agora, eu vou me chamar Marta Helena". Foi uma página do livro da minha vida que passou. Fui para Salvador e consegui um trabalho na Esplanada (*loja de roupas*) como Marta Helena, predominando "Lena". Eu mudei a minha vida, o meu comportamento, a

Com pouco mais de 25 minutos de entrevista, Lena chamou os dois produtores para subirem ao segundo andar da boate, local onde ocorreria o ensaio do *show* do sábado.

---

**"Eu acho que eu nunca vou conseguir contar as coisas todas da minha vida (...) Se (*minha história*) fosse um livro, não tinha página para terminar"**

---

minha essência, meu jeito de falar, de me expressar, de como eu ia tratar as pessoas.

**Aline** – As pessoas te chamavam de Marta Helena, na Esplanada?

**Lena** – (*Dentro da loja*), como a gente está sentado, é o centro das atenções. Foi muito complicado, esse negócio de ter sido a primeira travesti, de ter colocado saia, de ter entrado como estilista na Esplanada. Virei uma referência, a “Lena travesti da Esplanada”. Foi quando eu fiquei muito bem: comecei a entrar no GGB (*Grupo Gay da Bahia*), a frequentar as reuniões... Foi um grande passo na minha vida eu ter conhecido o Luiz Mott e o Marcelo Cerqueira, que eram os presidentes do GGB.

**Caio** – Lena, nessa sua primeira ida para Salvador, como foi passado para a gente no material de produção, você não tinha amigos ou familiares lá. Então, como você fez para se estabelecer e se manter?

**Lena** – Eu só tinha de ter língua e boca para poder falar e ver alguém que eu conhecesse. Eu sabia que tinha um amigo meu daqui (*de Fortaleza*), de muitos anos, que estava morando lá. Era o Cacá (*Carlos Henrique*). Ele era estilista também, mas já era consagrado. Consegui encontrá-lo e fui morar um tempo com ele. O Cacá ia trabalhar todos os dias e minha mãe sempre mandava umas cestas básicas para mim, porque mãe nunca se esquece da gente, né? Na época, eu ia buscar nuns transportes de comida pelo ônibus e dava certo.

Todo dia, eu via o Cacá indo trabalhar; já tinha quase um mês e meio (*que eu estava lá*) e eu não botava nada dentro de casa, só aquilo que minha mãe mandava para mim. Já estava passando fome, porque eu não ia pedir nada para ele. Um dia, eu estava sozinha e comecei a pedir: “Deus, me ajuda a arranjar alguma coisa para eu fazer!” Por Deus, gente, eu comecei a desenhar, a riscar. O mesmo traço que o Carlos fazia, eu comecei a riscar e a criar. Foi praticamente um milagre que aconteceu na minha vida, porque eu não tinha nada o que fazer. Eu não sabia me vender, eu não sabia fazer nada disso. Porque, como travesti, ou você se vende – você vai se prostituir – ou o mundo te engole: você vai virar um drogado, ou qualquer coisa, porque ninguém dá emprego. Já que eu estava morando com o Carlos e eu sabia que iam abrir outras lojas (*Esplanada*) em Salvador, eu comecei a desenhar. E deu certo. Eu consegui essa vaga na Esplanada e trabalhei lá 12 anos como estilista. Foi (*a partir daí*) que as coisas foram melhorando. Mas também não deixei a linha dos *shows*.

Eu morava com o Carlos e era doida para estar nas boates, mas eu não podia porque



---

“Sempre tive a minha postura brejeira. Gosto de ser essa história simples, tipo a Gabriela, essa mulher do sertão, que foi como a Bahia me aceitou”

---

Lena apresentou os produtores aos rapazes; contudo, bem-humorada, ela contou que eles estavam fazendo uma série de reportagens sobre a movimentação das noites nas boates de Fortaleza.

O restante da entrevista, cerca de 15 minutos, foi feito de pé. Lena foi pressionada a dar respostas mais rápidas porque “as meninas” estavam começando a cobrar o início do ensaio.

Após o desligamento dos gravadores, Lena assumiu a mesa de som do DJ, ao lado do palco, e chamou os produtores para assistirem ao ensaio do show de "camarote".

não tinha roupa. Quando eu comecei a trabalhar (na loja), na primeira semana, eu comecei a comprar logo umas roupinhas, uns tecidinhos. Em casa, tinha uma máquina (de costura); me sentei e comecei a costurar. (Então, perguntei): "Carlos, vamos dar uma voltinha lá no Centro?" Eu já tinha uns trocadinhos e fui para o Centro. Levei minha roupa escondida.

Quando cheguei lá, comecei a me enturmar com o pessoal. Começaram a mangar (rir) de mim, disseram que eu tinha a cabeça grande e tal. Mas eu já estava com tudo preparado, eu não sou nada besta! Já estava com essa roupa – não era uma roupa, mas era uma roupinha – e consegui (falar) com a diva Dion (Sant'ago, transformista), que estava fazendo show. O Dion começou a mangar e a tirar sarro da minha cara, (dizendo) que eu não era nada. Eu perguntei: "Posso mostrar o que eu sei fazer?" "Se você tiver coragem, pode subir." Esse barzinho estava lotado, era simplesinho, tinha um palco pequenininho. Eu fiz Mudanças, da Vanusa (cantora paulista), já sabia a letra de cor e salteado. Quando eu comecei a fazer a música – o primordial para mim é a dublagem, a letra e a respiração da cantora –, eu cantei perfeitamente bem. E todo mundo, em vez de fazer chacota – até mesmo o próprio Dion –, ficou impressionado. Ele (Dion) disse: "Olha, no dia que você quiser voltar para fazer show aqui, fique à vontade!" Assim foi meu primeiro contato com Dion, que foi minha madrinha lá em Salvador. Daí em diante, a boate já me recebia.

Então, conheci um rapaz por quem eu me apaixonei – esse foi amor de verdade, passei oito anos com ele. As coisas não estavam mais indo bem com os shows, eu tinha de pagar apartamento, comer, me vestir. Como eu era estilista da loja, toda semana eu tinha de estar com, pelo menos, uma peça de roupa diferente, e não estava mais dando para fazer, meus custos estavam muito altos. Eu disse: "Não tem mais como eu ficar aqui. Vou ter de me virar. Eu estou vendo um monte das minhas amigas ir para a Europa; elas vão e voltam em três meses com carro, apartamento e tudo"... Mas eu não sabia que era prostituição.

**Caio** – Foi como Marta Helena que você decidiu fazer o implante de seios, o silicone?

**Lena** – Foi na Bahia que eu coloquei silicone. Eu me arrependo a cada dia de ter colocado silicone.

**Caio** – Naquela época, havia segurança nos procedimentos?

**Lena** – Não. O silicone não tem segurança! O silicone é você querer e você querer, (é) uma coisa totalmente clandestina. É uma maneira muito mais fácil, mais rentável, mais

barata. Você não sabe o que vai acontecer; sabe que vai morrer, mas não sabe se é amanhã (ou) se é depois. Você pode estar colocando silicone e morrer logo na hora, e pode passar dez anos, 30 (anos) – como eu estou vivendo ainda.

**Carol** – Lena, o que foi que mudou quando você colocou o implante? Quais foram as primeiras mudanças?

**Lena** – Radicalmente, muda porque você deixa de ser aquela pessoa simples. É um corpo diferente que você tem de uma hora pra outra. Você dorme, acorda (e) está com o corpo bonito, com um peito grande. É instantânea, essa mudança.

**Carol** – O que você perdeu? E o que ganhou, também?

**Lena** – O que eu perdi mudando? (Pausa) Você perde amigos, perde as pessoas mais próximas, porque elas olham (para você) como uma grande afronta. E só fica perto de você quem realmente é seu amigo, quem gosta de você realmente... Pai, mãe, ou realmente um amigo muito íntimo. Ser gay é uma coisa simples, é um processo simples, mas você ser gay e botar um peito de uma hora para a outra choca demais, a sociedade não está preparada para isso. Você tem de ter muita cabeça para aceitar tudo isso, porque vem um rebolo (problema) muito grande para cima de você. Se você não estiver preparado, você enlouquece, e pra enlouquecer é rapidinho.

**Diego** – Houve a Ana Paula de Pigally (amiga de Lena) nesse seu processo de colocar seios. Qual foi a importância dela nisso? Qual a influência?

**Lena** – A Ana Paula foi minha madrinha, na verdade, quando eu comecei a história do Centro (de Fortaleza). Foi na época que eu deixei o Dami, que era uma figura mais rapazinho, tá entendendo? (Ele) era um gay mais do jeito rapazinho, e já me juntei com a Paula de Pigally. Ela optou por ser travesti. Eu via a Ana Paula como uma aliada, uma madrinha – achava bonito aquele peitão dela, aquela coisa toda. Ela me ajudava, de certa forma, a... Eu não sabia que aquela ajuda dela ia ser tão prejudicial, vamos dizer assim, do que hoje eu sinto por causa do silicone. Eu via minha amiga colocar e eu coloquei. Não era para eu ter colocado. Se eu não tivesse visto, talvez eu (ainda) fosse o gay que era antigamente, só tomando o hormônio. O hormônio depois passa, mas o silicone não sai. Mas a Ana Paula foi uma pessoa muito boa, muito legal! Ela me ensinou muita coisa, a viver, a ser travesti.

**Theyse** – Lena, na sua saída para a Europa, você mencionou aqui, na entrevista, e a gente teve acesso a outras entrevistas que

Ela dava orientações aos rapazes em relação às luzes, aos passos de dança e à dublagem da música. "Isso foi uma coisa que eu nunca tive. Mesmo que ele aí não ganhe, cria gosto!" – disse.



Lena revelou, durante a pré-entrevista na boate Level, que costuma se arrumar para *shows* e eventos em apenas 15 minutos, o que deixou a equipe de produção bastante surpresa.

**“A minha vontade de ser artista era maior, muito além de qualquer coisa, porque eu já tinha enfrentado minha família para poder fazer aquilo”**

...você deu também, (*que*) você tinha muita expectativa. Disse que via as meninas indo para a Europa, ganhando dinheiro... (*Elas*) voltavam e compravam muitas coisas e foi para lá com uma grande expectativa...

**Lena** – (*interrompendo*) De fazer *show*.

**Theyse** – O que foi que você encontrou lá?

**Lena** – É porque elas diziam que iam fazer *show* e eu já sabia fazer *show*, (*então*) teria só que aprender a falar (*outro idioma*), né? Quando eu cheguei lá, não era nada daquilo. (*Eu dizia*): “Vou dormir...” “Dormir? Não, vai dormir não, vamos *pra rua!*” “Rua?! Isso aqui não é uma boate, não?” “Não, aqui não tem boate, não. Boate nossa aqui é no meio da rua.” “Não, não vou.” “Vai *pra rua* sim, em casa você não fica”. Aquilo não entrava na minha cabeça! É uma coisa tão diferente do mundo real! Não estou discriminando quem faz, (*mas*) aquilo ali era um choque para mim.

Aí, meu Deus, eu comecei a pensar: “O que eu vou fazer?” E a cafetina me cobrando. Já era quase a quarta semana e eu sem dar um *tostão*, sem ter nada, e a dívida aumentando. Lá, o que tem de mais caro, em vida de *gay*, de transformista, é peruca. Era a única coisa que eu sabia fazer. Tocou no meu coração, como o desenho do estilismo. Eu fiz uma peruca grande, bonita, (*e disse*): “Olha, gente, olha o que eu fiz pra vender!” “Quanto é? Quanto é?” (*perguntavam*) Uma peruca que se compra de mil reais, eu conseguia vender por três vezes mais. Aquilo foi que me tirou daquela história. Fui morar num canto mais reservado, com uma pessoa que eu conheci lá na Europa. A minha vertente, a minha sangria foi essa de vender peruca, confeccionar roupa, forrar sapato, fazer ornamento de cabelo para *shows*, porque era o mais caro. Tudo isso que me fortaleceu a ficar ainda um pouco lá, para trazer dinheiro para cá. O que elas (*as prostitutas*) faziam, eu não conseguia fazer.

**Ana Rute** – Essas amigas que já estavam lá, elas sabiam que você estava indo sem saber o que acontecia?

**Lena** – (*Longa pausa*) Lá, na Europa, o que vale é o dinheiro. Elas (*as cafetinas*) tomam o passaporte de você e vivem assim. Eu fui com meu dinheiro, vendi tudo que tinha – vendi até os tapetes da minha casa para poder ir, tanto que eu não tinha dinheiro para pagar cafetina. Elas ficam lhe pressionando para você pagar a estadia, um aluguel para você dormir, para você comer, de 200 reais por dia. Tudo isso é pesado! Elas levam e

Lena salientou a necessidade de ser lembrada da entrevista de semana em semana e, depois, cinco dias antes da data, porque já é uma pessoa “de idade” e poderia esquecer-la.

Nicolas e Aline pediram que, para o local da entrevista, Lena escolhesse um que ela gostasse. Apenas algumas horas depois, ela confirmou o Marina Park Hotel, um dos mais famosos estabelecimentos da orla fortalezense.

não dizem que tem multa, que vai ser cobrado isso, na hora que você entrar em casa. E eu não sabia. Eu não vivia num mundo de prostituição na Bahia.

**Ana Rute** – Você se sentiu enganada?

**Lena** – Lógico! (*Afirma com veemência*). Enganada, traída e vendida. Aquilo foi um tormento para mim, e eu não quero voltar para a Europa nunca mais. As experiências que eu tive... Conheci muitas cidades da Europa, mas eu não quero mais. A gente não podia nem sair de casa (*por*) que a Polícia prendia. Isso não é vida.

**Julia** – Lena, no material de produção que a gente recebeu, tem uma frase que você falou, que diz assim: “Na época, eu tinha de fazer coisas que eu não queria, por isso eu chorava muito”. Que coisas eram essas que você tinha de fazer sem querer? Você se envolveu com coisas ilícitas?

**Lena** – Não. Eu tinha de viver com muita gente que se drogava, que se prostituía. Eu tinha de sair de casa de madrugada para as pessoas trabalharem. É uma coisa tão fora do normal, que você imagina: “Pô, eu devia estar na minha casa, com meu namorado, com minha mãe em casa, lá em Fortaleza, mas eu tô aqui, numa estação de trem, no meio da rua”. Você tem de ficar sentada, no meio de um binário, num frio de 14 °C, toda enrolada, porque tem de esperar alguém fazer alguma coisa (*o programa*). Mas a gente não pode viver nisso a vida toda.

**Theyse** – Nessa época, já era a Lena Oxa que vivenciava tudo isso?

**Lena** – Já. Quando eu comecei a chorar, que eu fui para a Itália, já era a Lena. E Oxa, porque eu escutava muito uma cantora chamada Anna Oxxa; ela cantava *Donna Con Te*. Tinha uma travesti (*Karina Rossi*), que morreu de Aids; ela trabalhava comigo e escutava muito essa música, o CD todo. Ela colocava a primeira música e tocava todinho. Sempre essa música era a primeira. (*Anna Oxxa*) era uma mulher muito bonita. Eu a achava muito linda e me identifiquei com ela. (*Disse para Karina*): “Mulher, sabe de uma coisa? O (*nome*) dela é Anna, mas e se eu colocar Lena? Vai dar certo...” Eu tirei um “x”, porque tinha de dar sete na numeração (*de letras*). Se fosse com dois “x”, iam ficar oito. Tinha de ser sete, porque eu gosto muito do número sete.

**Kamylla** – Então, quem é a Lena Oxa depois da música *Donna Con Te*?

**Lena** – A Lena Oxa, depois da música, foi uma guerreira. Foi um renascer. Foi quando eu tomei a decisão da peruca (*vender peruca na Europa*), quando eu tomei a decisão de fazer roupa, de fazer arranjo para a cabeça. Na minha infância, quando eu estudava ain-

da do Antônio Bezerra, fazia a quinta ou sexta série, eu ia pra Praça Portugal (*localizada no bairro Aldeota*) vender bijuteria. Eu confeccionava as pulseirinhas e vendia, (*então*) já sabia como é que aquilo andava. Toda a minha infância me ajudou. O Afrânio sempre está presente em alguma coisa.

**Nicolas** – Aí você conseguiu ser bem-sucedida na Europa e voltou, então, para o Brasil?

**Lena** – Não. Eu não fiquei bem-sucedida na Europa. Eu simplesmente paguei tudo o que eu devia lá. Paguei cafetina, paguei casa, paguei tudo que eu tinha de fazer e vim embora. Trouxe um dinheiro ainda para conseguir comprar uma casa em Salvador, com muita dificuldade. Consegui. Era para eu trazer muito mais se tivesse feito o que era para fazer (*os programas*). Quando eu voltei, trabalhei ainda um tempo na Esplanada. Passei um tempo e depois vim para Fortaleza.

**Nicolas** – Qual foi o seu envolvimento com a criação da ATRAS, a Associação de Travestis de Salvador?

**Lena** – Quando eu voltei da Itália, já com o nome de Lena Oxa, tudo foi uma resistência muito grande. Era a Lena Oxa, que já tinha vivido muita coisa, corrido de polícia na Europa. Lá, as travestis não vivem bem, são perseguidas. Quem não tinha documento, como eu, era mais perseguida ainda. Quando fui para Salvador, eu trouxe muita bagagem do que tinha aprendido na Europa. De discriminação, de impacto com a sociedade. Eu (*estava*) conversando com o Luiz Mott (*antropólogo e historiador paulista radicado em Salvador*) e ele disse: “Em Salvador, não tem uma associação de travestis. Por que você não preenche essa vaga?” Aí, ele, como era presidente do GGB, montou a associação e me intitulou como a presidente. Não tinha por que não fazer, eu abracei essa causa toda. Foi quando eu me engajei mesmo na luta de respeito, de trabalho que as travestis têm de ter diante a sociedade.

**Ana Rute** – Você relata que a sua experiência em Salvador foi muito importante, tanto que você diz que foi lá que você “aprendeu a viver” e seu coração é baiano. Qual foi a importância da Bahia na sua trajetória?

**Lena** – Quando eu saí de Fortaleza, aquela pessoa que começou a viver ali estava aberta para aprender qualquer tipo de coisa. A Bahia foi minha faculdade de vida, foi na Bahia que comecei a entender minha luta. Na Bahia, foi que eu fui entender e aprender a comunicação das pessoas, porque eu não podia me entregar ao que eles queriam que eu fosse. Ela me ensinou verdades e mentiras. Eu conheci muita gente que pôde me ajudar, como o professor Luiz Mott. A Bahia

Avisados, os produtores seguiram o conselho de Lena à risca: marcada a entrevista para uma quinta, os recados começaram já no domingo. O último foi enviado às oito horas da manhã do dia nove de junho.



Um susto: na manhã da entrevista, a fotógrafa Uli Batista esqueceu o cartão de memória da câmera em casa, antes de ir para a faculdade. A solução foi pedir ajuda a Filipe, o agregado desta edição da revista, no dia do aniversário dele.

Filipe se dispôs a emprestar a própria câmera e a levar as entrevistadoras que estavam no Benfica no próprio carro, contanto que a gasolina fosse dividida. No caminho, Nicolas liga com um novo problema: o gravador estava sem pilhas.

De passagem pelo Centro de Fortaleza, eles pararam próximos a um camelô de eletro-eletrônicos. Ana Rute, que estava tomando um sorvete, desceu do carro para fazer o pedido. Claryce desembolsou 10 reais para pagar as pilhas.

que me ensinou a lutar; briguei muito e foi lá que eu fui presa também, quase morria. Tive de vir deportada para Fortaleza, novamente, porque eu estava lutando pelos meus direitos. Foi a Bahia que me ensinou esse meu jeito brejeiro de ser, de acolher, de receber, de brincar.

**Nícolas** – Como foi essa história de ser presa para voltar a Fortaleza?

**Lena** – Na época em que eu cheguei à Bahia, tinha um policial chamado Carlos, que era o terror. Quando ele estava de plantão, era praticamente outra ditadura na Bahia, só que mais aberta (*Lena quis dizer mais branda*). Era um só homofóbico que brigava e prendia os gays e travestis que estavam na rua – principalmente as travestis, porque ele tinha raiva de travesti. Esse Carlos tinha matado uma travesti. Ele a levou para a praia e a colocou para mergulhar. Desse mergulho, ele começou a dar tiros e ela morreu, baleada e afogada. (*Luana morreu na madrugada do dia 4 de agosto de 1998, aos 22 anos. Ela e a também travesti Joice foram recolhidas numa viatura por quatro policiais militares e levadas para a Praia do Flamengo, no bairro Stella Maris. As duas sofreram humilhações e torturas e foram obrigadas a entrar no mar sob a mira de revólveres. Com a violência do mar, Luana foi arremessada contra as pedras. Joice conseguiu fugir e denunciou o caso. Os quatro PMs foram expulsos da corporação.*)

Como eu era presidente da Associação das Travestis, eu fui reconhecer o corpo. Fizemos um monte de abaixo-assinado pedindo para ele sair (*da corporação*) e campanhas em frente à Secretaria de Segurança Pública, e eu, como líder, estava com a cara todo tempo na televisão. Na época, eu tinha o cabelo bonito, grandão, e tive de cortar e descolorir. Ele (*o Carlos*) me prendeu loira, mas ele queria a morena. Estavam todas as travestis juntas e ele: “Cadê a Lena? Cadê a morena?” Ele já tinha passado por mim, mas o meu medo era alguém revelar que era eu. Quando o Marcelo (*Cerqueira*), que era o vice-presidente do GGB, soube que a gente estava presa, entrou com o *habeas corpus* o mais rápido possível porque tinha medo de acontecer isso (*Lena ser pega por Carlos*). Assim que a gente foi solta, o Luiz Mott, por medida de segurança, me tirou de Salvador e me colocou para cá.

**Aline** – Lena, de onde veio essa sua vontade de militar pelos direitos LGBTs na ATRAS? Porque você podia muito bem viver sua vida, mas, ao militar, você já está lutando pela vida de outras pessoas também.

**Lena** – Porque, quando você pode salvar a vida de alguém, solucionar o problema de alguém, é tão bom, né? A pessoa dizer as-

sim: “A Lena me ajudou”... É tão legal quando você escuta isso! (*Pausa*) Eu sempre gostei do palco, de ser o pico da história toda. Então, ali era o momento de eu me afirmar, de eu descontar tudo aquilo que fizeram comigo. Eu estava ali para brigar. É só a maneira de você se engajar na história que incomoda muitas pessoas e faz com que você seja diferente.

**Claryce** – Como é a realidade de ser travesti no Brasil?

**Lena** – É triste, ainda. Para ser travesti hoje, no Brasil, sendo respeitada, tem de ter garra, estudo, ser acima de qualquer coisa. Por exemplo, a Luma (*Luma Andrade, professora universitária e primeira transexual doutora do Brasil*)... A gente não tem nem o que falar da Luma, não precisa nem contar da vida dela. É diferente de uma travesti que chegam: “O que você faz?” E ela diz: “Nada, eu corto cabelo”. Você está entendendo como é a diferença?

Eu conheço travestis que são donas de armarinhos, de depósitos de material de construção, de academias. É diferente, é um respeito que vai de cada uma. Se você tiver o respeito, você é respeitada. Se você só é travesti, pra sociedade, sendo bem sincera: você é um zero à esquerda, você não representa nada. Eu sei, eu sou travesti também. As pessoas não respeitam, não ajudam. Se você vir uma travesti pedindo emprego, não dão. Se ela pedir uma casa para morar, mandam pro Oitão Preto (*comunidade de Fortaleza conhecida pela prostituição e pelo consumo de drogas*). Eles não têm a sensibilidade de entrar no sentimental de um ser humano só porque ele mudou de corpo.

**Kamylla** – Baseada na sua trajetória, como é que a sociedade vê você hoje?

**Lena** – Ela tem de me engolir. A sociedade tem de saber o que eu fiz. Não foi uma brincadeira, foi uma luta de resistência. A luta que eu tenho de estar na televisão, de ter construído tudo isso, tanto na televisão e no rádio, é uma história que não apaga. “Quem foi a Lena Oxa?” Por mais que gaguejem, embolem ou mordam a língua, vão dizer: “É a Lena (*que*) teve 14 anos de TV Diário, três anos de Rádio Clube (*rádio onde ela trabalhava*)”. Não tem como apagar, então eles me engolem.

**Nícolas** – Você passou pela (*boate*) Divine, ajudou a criar a Divine. Como diretora artística, poderia ter criado só uma boate comum para fazer shows, mas você decidiu botar um palco para novas artistas se apresentarem. Por quê?

**Lena** – Quando eu voltei de Salvador, eu vim para cá e passei dois anos sem trabalhar em boates, sem trabalhar em canto nenhum.

Enquanto isso, Nícolas, Theyse, Diego e Carol, os quatro membros da revista que são estagiários do Sistema Verdes Mares de Comunicação, pegaram carona num carro com Aline. Ela os levou da Praça da Imprensa ao Marina Park.

Aí ia abrir a Divine, uma boate nova (*localizada na Rua General Sampaio, 1374, no Centro de Fortaleza*). E ela entrou no espaço que foi dado na mudança do milênio (*de 1999 para 2000*), então foi uma parte muito interessante. É um novo ciclo. Como eu estava entrando, tinha uma bagagem da Bahia, tinha uma superbagem da Europa. Tudo aquilo que eu aprendi na Europa e na Bahia, eu empreguei na Divine, fiz um palco diferente.

Fiz um trabalho na Unifor (*Universidade de Fortaleza*), o Festival Casulo, que mostrou a diferença do que era o mundo *gay* do milênio passado para o milênio novo. Não tinha mais os atores transformistas: todos se transformaram em *drag queens*. Veio a era cibernética, a era das maquiagens neon. Foi uma criação de artistas novos. Quando a Divine entrou, consegui fazer o *show* de talentos de *drag queens*. Aparecia uma que tinha a maquiagem de caco de vidro, outra já vinha com uma maquiagem neon mais diferenciada. Deu mais gosto *pra* elas trabalharem. Tenho muito prazer de ter lançado isso, graças a Deus; tem muita gente que eu descobri e muitos artistas que se revelaram.

Eu passei sete anos na Divine; sai porque fui para a televisão. A boate durou mais sete anos sem mim (*fechou em 2015*). Estou na boate *Level* agora, com o mesmo projeto, sempre levando essa diferenciação de artistas. Das artistas que começaram comigo nos anos 2000, tem umas que são maquiadoras da (*Rede*) Globo, algumas trabalham no SBT, algumas que têm confecção própria, ateliê próprio de roupas, de maquiagem. Tudo isso elas nem sabiam. Foi o que aconteceu comigo lá na Bahia, que eu comecei a desenhar e consegui fazer tudo que eu queria sem saber o potencial que eu tinha. Elas tinham e não sabiam. Se você não der oportunidade, se eu não puder dar, lá fora é que não vão dar mesmo.

**Caio** – O que te motiva a incentivar essas novas artistas transformistas?

**Lena** – Eu só quero deixar um legado de reconhecimento, (*porque*) é uma coisa que não se apaga. Se você falar da Divine, você nunca vai deixar de me encontrar na Divine... A Divine foi sangue, a Divine foi alma. Passei sete anos fazendo *show*; era sexta, sábado, domingo e feriado. Meu pai morreu, fui fazer *show*. Minha avó morreu, eu fui fazer *show*.

No trajeto, Carol falava do andamento da produção da entrevista com Eriene Firmino, a última desta edição. Ao chegarem ao Marina, os produtores começaram a organizar a mesa e as cadeiras para a entrevista.

“Às vezes, quando eu subo no palco, eu me lembro de como o Afrânio foi aquela *gayzinha* pintosa que conseguiu montar esse monstro todo”



Moradora da Barra do Ceará, Kamylla pegou um ônibus que parava em frente ao Marina Park. Ao cruzar a Avenida Presidente Castello Branco, ela encontrou o professor Ronaldo Salgado no estacionamento.

Embora a entrevista estivesse marcada para as 14h30min, Lena chegou às 14h10min. À mesa, ela revelou que estava organizando uma "caminhada da resistência" com diversos grupos gays, afros e de mulheres.

também. Foi tudo muito parte de mim e eu quero deixar somente um legado que eu passei por aqui, que eu vivi, que eu deixei muitos artistas.

**Claryce** – Como é que você enxerga a diferença das *drag queens* de hoje para as transformistas da época que você começou a fazer *show*?

**Lena** – Não tem nem comparação! (Risos). Porque, antigamente, era muito difícil. Na época que eu comecei, para você ter um vestido de paetê, tinha de bordar paetê por paetê, passava três semanas para ter um vestido. Hoje em dia é mais fácil, você vai na rua, compra três metros de tecido, faz uma superprodução. Os meios de comunicação trazem mais influências para você trabalhar, se vestir, ter mais ideias. Antigamente, era só criação da sua cabeça. Hoje em dia, você pode pegar a Lady Gaga, a Jennifer Lopez (*cantoras pop*) e fazer um visual maravilhoso barato que dê efeito.

**Ana Rute** – Lena, existe um conflito nessas gerações?

**Lena** – Nenhuma se gosta. Porque estamos agora na "era da coroa"; existe muita disputa, cada qual com sua coroa, cada qual com sua faixa, é a era das *Misses*. As transformistas deixaram mais o palco para se tornar *Misses*. Então, há rivalidade sempre, da *Miss* do Tancredo Neves, com a *Miss* do Jangurussu, com a *Miss* da Barra do Ceará (*refere-se a bairros de Fortaleza*). Elas deixaram o palco e estão mais empenhadas na beleza. Elas querem a faixa. Mas toda vida teve (*competitividade*), nunca deixou de ter.

**Caio** – A ideia de criar um movimento como a Parada Gay, de dar início à Parada Gay, teve esse intuito de provocar essa união?

**Lena** – Foi a pior loucura do mundo! A primeira passeata gay de Fortaleza teve concentração do GRAB (*Grupo de Resistência Asa Branca*) com 60 pessoas. Eu estava trabalhando na Divine na época que a gente foi fazer a primeira Parada (*em 1999*). Eu disse: "Celso (*Leopoldino, um dos donos da Divine*), a boate tá de vento em poupa, tem muita gente que vem na sexta, no sábado e no domingo. Se a gente começar a fazer propaganda, a dizer que vai ter uma Parada Gay aqui, em Fortaleza, vai dar certo". E ele: "Tu acha?" "Certeza! Vamos ver o que a gente pode fazer". Fui no Joca (*dono de uma baraca de praia na Avenida Beira Mar*) e perguntei a ele se estava de acordo comigo pra gente fazer uma Parada Gay. Nós tínhamos o dinheiro para pagar o trio (*elétrico*), tinha a apresentadora que era eu e tinha a casa que ia fazer depois a recepção da Parada. O GRAB não deu tanta importância porque

Segundo ela, a Prefeitura de Fortaleza alegou estar sem recursos para realizar a Parada pela Diversidade Sexual no dia 28 de junho, data instituída por lei. A promessa era realizá-la somente em novembro.



"Tirei um 'x' porque tinha de dar sete na numeração. Se fosse com dois 'x', iam ficar oito. Tinha de ser sete, porque eu gosto muito do número sete"

achou que ia só 50 bichas atrás de um trio. Eu fui em cima do trio chamando todo mundo. Foram mais de 500 pessoas, foi um sucesso muito grande. Depois, a boate lotou! A segunda deu mais força pra gente trabalhar, na terceira melhor ainda.

Quando a gente montou a Parada Gay de Fortaleza, a gente tinha de ter mulheres biológicas com carisma muito grande, com um grau de aceitação da sociedade, para serem madrinhas dentro da Parada. Por exemplo: a Lucinha Menezes, que é cantora, a Vânia

Dutra, que era a primeira-dama de Horizonte (município da Região Metropolitana de Fortaleza), a Karine Mitre, que é cantora, a Maísa Vasconcelos, que é apresentadora de televisão. Elas faziam com que as pessoas respeitassem o movimento porque as madrinhas eram mulheres biológicas... Eu fui madrinha duas vezes, em 2008 e em 2014, por ser uma das mais ativistas. Não sou mulher biológica, mas, por ser ativista dentro do movimento.

A Parada Gay é uma resistência muito grande, é ali que você vê que a sociedade te aceita, entre aspas. É um momento engraçado, um momento de confraternização. Não tem só gay na Parada Gay: tem homem que vai atrás de mulher, mulher que vai atrás de homem... Os *gogo boys*, nenhum sai livre, tudo sai casado. Então, é o momento que o filhinho tá ali olhando com o papai. O vovô tá ali olhando, a vovó tá dando a mão, achando bonito. É uma junção de muita gente que faz com que a Parada Gay cresça e seja esse movimento todo.

**Ana Rute** – Qual a receptividade que a Parada Gay tem hoje em relação às primeiras?

**Lena** – A Parada Gay de hoje torna-se uma micareta, virou a “micagay” (risos). É o momento de você fazer a palavra de ordem, palavra de resistência, que você está ali, (e mostrar) que somos muitos – você juntar quase um milhão de pessoas na Beira-Mar é muita coisa!

**Theyse** – Lena, de que forma essa militância, essa vontade de fazer alguma coisa pelas pessoas, se deslocou para a televisão? Como é que a televisão te ajudou a ser essa militante?

**Lena** – A televisão me deu a oportunidade de trabalhar dentro do programa da Regininha (Duarte, apresentadora). Eu tinha uma parte de contar fofoca... Pra gay contar fofoca, gente? Explicar como coloca uma camisinha? Acho que não era só isso que eu queria. Queria mais informação, queria falar, queria estar com o microfone. Eu queria muito que as pessoas entendessem como é o pensamento de um gay com a família, levando a opinião do psicólogo. Muita gente já chegou para mim: “Lena, você não sabe o quanto o *Manias de Você* me ajudou”. Eu fiz com que o psicólogo escutasse a mãe e desse a opinião

dele, que ela visse que aquilo ali não era uma escolha, era do nascer da pessoa e o filho dela não estava fazendo mal nenhum, não ia machucar ninguém. Foi assim que muita gente se descobriu e o *Manias de Você* estourou, um dos maiores lbopes (medição de audiência do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) da TV Diário. Ela (a Regininha) me ajudou demais, foi sensacional, uma pessoa de primeiro grau de relevância na minha vida dentro da televisão.

Da mesma forma também o Ênio Carlos. É aquele homem sério, aquele apresentador muito imponente, me recebeu e me acolheu dentro do programa dele com essas matérias que hoje as pessoas me respeitam muito na rua. É um rótulo diferente que você cria, que ele me deu a oportunidade de trabalhar junto e não ser só a travesti que trabalha na televisão, e sim uma profissional. Uma pessoa que tem filho, como o Ênio, o Gaarcia Júnior (coordenador do Núcleo de Entretenimento da TV Diário) ou o doutor Ricardo Nibon (superintendente do Sistema Verdes Mares), vê que as pessoas assistem e conseguem assimilar coisa boa.

**Julia** – No (quadro) *Glitter: Em Busca de Um Sonho*, você via ali na (Rochele) Santrelly, na Sangalo (Schneider), em todas elas (competidoras do quadro, são travestis, transformistas, gays e drag queens), a Lena no começo? Você se enxergava nelas?

**Lena** – Quando eu comecei a pensar no *Glitter*, eu via a Lena com vontade de brilhar para ser uma coisa diferente. Quando eu vi que o *Glitter* estava tomando outra proporção... Ele mudou o comportamento, a aceitação das pessoas, para mostrar realmente como é o convívio, como é a participação do gay na sociedade, de como ele age, o que ele é realmente. Tem o tapa na cara, tem a discussão, tem a hora da bondade, tem tudo aquilo que a gente vive. O *Glitter* veio para adicionar muita coisa e não foi só aqui no Ceará, não, foi no Brasil todo. Cada pessoa que tem vontade de conhecer os artistas do *Glitter*... (As competidoras) são as pessoas mais simples do mundo, são pessoas que eu peguei no meio da rua – algumas eu conhecia do meu cotidiano.

Tudo isso muda a cabeça do povo e delas

Desde que o pai, Agripino Fialho, faleceu, Lena utiliza um terço de madeira presenteado por ele no pulso. Ela conta que o objeto é uma proteção e o vampiro cearense, personagem do quadro *Mistérios*, na TV Diário, o tocou.

---

“O vovô tá ali olhando, a vovó tá dando a mão, achando bonito. É uma junção de muita gente que faz com que a Parada Gay seja esse movimento todo”

---

O professor Ronaldo presenteou Lena com a edição nº 35 da Revista. Ela aproveitou para parabenizar a proposta da nº 36 de trazer entrevistas somente com mulheres, dizendo que estava na hora de a mulher ser “revista na Revista”.

Às 14h30min, Caio Vitor era o único membro do grupo que ainda não havia chegado. Mesmo sem ele, a entrevista foi iniciada. Caio chegou 15 minutos depois.



Após algum tempo do início da entrevista, o assessor de Lena Geílson Cajuí, e uma amiga dela, Maria das Dores Melo (a Dorinha), chegaram e sentaram atrás da apresentadora. Atencioso, Geílson buscou água e café para Lena.

(das competidoras). Elas têm gratidão eterna por mim. (Dizem): "Só faço se a Lena deixar" Eu sempre digo: "Não se prenda a nada por mim. Recebeu um convite? Analise se é bom e vá, não quero um tostão de vocês. Eu quero que vocês vão e brilhem".

**Nícolas** – Na TV Diário, você sabe qual o seu espaço, qual o seu tipo de representação, o que você gosta de mostrar. Mas como você vê que outros veículos tratam a questão dos LGBTs? Como é essa representação?

**Lena** – Eu digo sempre nos locais aonde eu vou: eu sou a única coisa terrena, em Fortaleza, que trabalha com LGBT com respeito. Por mais que a gente brinque com o *Glitter*, eu levo com respeito. Eu tenho 20 minutos de TV e levo a brincadeira, mas (também) levo o presidente da Parada Gay, para falar do respeito; levo um convidado, jogo a brincadeira

de novo, vou na mão do respeito. Sempre mesclo o respeito com a brincadeira.

Já os outros veículos de comunicação não têm respeito nenhum. Botam um humorista para poder fazer *acanalhação* (*brincadeira desrespeitosa*). Acho que falta muito da sensibilidade dos outros canais de televisão. Como um meio de comunicação, tem de dar a comunicação certa, não brincar! Já está tão passado esse negócio de baixaria, esses nomes feios, (*que*) nem cola mais. O humorista passa mais por ridículo do que quem ele quer ridicularizar.

**Aline** – Toda sua vida teve um momento em que você largou tudo e começou outra vida, virou a página. Você acha que, hoje em dia, isso pode acontecer? Você pode algum dia largar tudo e ir *pra* Bahia de novo, ou algo do tipo?

**Lena** – A gente nasce sem nada, nasce nu. Quando a gente morre, não leva nada. Eu tenho sempre de ter essa transformação. Tem época que eu não tenho uma roupa para vestir – *rebolo* tudo fora, deixo só meu computador, aí vou me reinventando. Compro uma peruca nova, compro uma maquiagem nova, tudo meu é uma transformação. Tudo! Eu não sou apegada a nada, não tenho nada na minha vida. A minha vida é sempre uma transformação, eu sempre vou querer mais do que eu tenho, me transformar mais ainda. Vou ser cineasta agora, trabalhar com cinema, quero fazer um curta. Um curta chamado *Mãe de Santo*, estou tentando fazer.

**Julia** – Ainda existe na Lena alguma coisa de Afrânio?

**Lena** – Existe. Eu já acordei com isso na minha cabeça. (*Pausa*) Tem muita travesti que entra nessa e não consegue sair. Ela entra por achar bonito, por achar interessante... Quando coloca o primeiro peito, acha que tudo é aquele *glamour* na vida dela. Então, tem muita gente que bota o peito, mas, depois de tanto preconceito, não aguenta: vai se drogar, vai fazer alguma coisa para poder suprir aquela mágoa toda e não consegue voltar. O que a gente passa é tanta coisa! A gente sofre duas vezes por ser *gay* e por ser travesti.

O Geilson sempre me acompanha e eu digo: “Pelo amor de Deus, quando eu morrer, eu quero voltar como Afrânio, eu quero subir (*para o Céu*) como Afrânio”. Eu quero que tirem meu peito, quero que tirem tudo meu! Quero que cortem meu cabelo, cortem minhas unhas, tirem meu peito, porque eu quero ir tão puro como eu vim, sabe? Porque é tanta dificuldade que você passa que, quando for subir, (*vou dizer*): “Respirei e subi!” – entendeu? Eu me vejo perto do meu pai como Afrânio. O meu pai já morreu (*em*

2004) e eu me vejo perto dele como menino-zinho – isso eu nunca disse para nenhuma entrevista, viu? É exclusivo. Mas uma coisa que eu penso quando morrer é ter, pelo menos, paz.

**Julia** – Isso reflete em arrependimento?

**Lena** – Não é arrependimento, é mágoa. Eu nunca sou arrependida das coisas que eu fiz. Só me arrependi de ter colocado silicone. Não que eu não tenha sofrido, mas é uma consequência do que você escolhe. Sua cabeça é que escolheu isso daí, é o espírito que pede, é a essência do meu eu que pede para eu ser assim. Não quero levar problema, não quero levar peito... Eu quero subir como o espírito que eu vim, em ser puro, em estar perto do meu pai, como toda vida eu estava. Acho que isso é o essencial. Não tenho preconceito com nada, mas é uma forma minha como eu penso espiritualmente (*Lena é católica*) de voltar como eu vim ao mundo.

**Nicolas** – Para encerrar: você nasceu Afrânio, foi Tina, foi Suzana, foi Marta Helena, e a gente percebe que você sempre deixou todos esses nomes para trás por não darem sorte. Você acha que “Lena Oxa” te trouxe sorte?

**Lena** – A Lena Oxa não é sorte, é uma consequência de tudo isso que eu já passei. Ela agora vem para se estabelecer, descansar de tudo aquilo que já passou. Só colher frutos bons e ajudar as pessoas com o nome que ela tem. Não é muita coisa, mas incomoda. Tem muita coisa que eu vou fazer ainda, não parei. Cada dia a gente cria alguma coisa, faz algo diferente. “Lena Oxa” não é sorte: é sinônimo de luta, guerra e muita coisa boa que eu consegui.

Ao responder à pergunta de Caio sobre como se estabeleceu em Salvador, tivemos um vislumbre de Marta Helena: Lena começou a desenhar um manequim no guardanapo que estava sobre a mesa.

Lena faz questão de dizer que, após três anos trabalhando na boate *Divine*, foi convidada pelo então apresentador Eduardo Praciano para participar do programa *Talento da Terra*, da TV Diário. Ela o considera um padrinho na televisão.